

Narrativas convergentes: ficção e realidade na prosa de Nelson Rodrigues

ESDRA MARCHEZAN SALES - esdrasmarchezan@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba
Jornalista e Mestre em Literatura e Interculturalidade pela UEP

Resumo

Subordinado à linguagem, o jornalismo se constrói através da narrativa, elemento fundamental na construção de mundo pelos sujeitos participantes do processo comunicativo. Diretamente ligada ao desenvolvimento da sociedade, a narrativa jornalística se transforma e ganha novas estruturas à medida que o jornalismo sofre mudanças. Em determinados momentos da história, o envolvimento de escritores com a prática jornalística modifica o relato jornalístico, dando ao texto factual aspectos de literatura. A convergência destes dois campos (jornalismo e literatura) em um espaço textual único abre espaço para questionamentos sobre os limites entre ficção e realidade. No Rio de Janeiro das décadas de 20 e 30 essa relação entre literatura e jornalismo era notável nos jornais da época e, se havia um espaço onde esse namoro era explícito, era na reportagem policial. Neste artigo, propomos uma análise comparativa entre a prosa jornalística e literária do escritor, jornalista e dramaturgo, Nelson Rodrigues, como forma de demonstrar o grau de influência entre os dois campos na construção da narrativa rodriguiana.

Palavras-chave

Jornalismo. Literatura. Convergência narrativa.

Abstract

Journalism is constructed through narrative, a key element in building worlds by subjects participating in the communicative process. The newspaper story is transformed and takes on new structures as journalism goes through changes. At certain times in history, the involvement of writes with journalistic practice modifies the newspaper report, the text giving factual aspects of literature. The convergence of these two fields (journalism and literature) in a single textual space makes room for questions about the boundaries between fiction and reality. In Rio de Janeiro decades of 20 and 30 this relationship between literature and journalism was noted in the newspapers of the time and if there was a space where this relationship was explicit, was in the police report. In this paper, we propose a comparative analysis between the literary and journalistic prose writer, journalist and playwright, Nelson Rodrigues, in order to demonstrate the degree of influence held between the two fields in the construction of the narrative rodriguiana.

Keywords

Journalism. Literature. Convergence narrative.

Artigo recebido em 20/09/2011

Aprovado em 13/10/2011

Toda e qualquer relação, interface ou convergência que possa existir entre a literatura e o jornalismo, ou entre o campo literário e outros campos do saber, como a sociologia, antropologia, psicologia, entre outros, passa, necessariamente, pela questão textual. Como palco do entrelaçamento das palavras e seus significados, o texto se configura em uma unidade de manifestação, onde processos comunicativos e de interatividade ocorrem, e um plano de conteúdo é manifestado por meio de um plano de expressão. Atuando como depositário da linguagem, o texto assume um lugar pelo qual a relação entre os seres humanos e suas realidades acontece. Nascido como objeto plural e aberto, o espaço textual abriga conflitos e diálogos entre as variadas espécies de linguagens, discursos e culturas. Como afirma Reis (1995), todo texto constrói-se como um mosaico de citações e é absorção e transformação de outro texto. É a concepção dialógica de Bakhtin (2006) definindo que nenhum discurso constrói-se sozinho, mas é sempre atravessado, ocupado, pelo discurso de outrem.

Maingueneau (2006) considera o texto como uma encruzilhada de trocas enunciativas que o situam na história. Para o autor, o exame textual tem de passar pelo processo de determinação do espaço de interação semântica que esclareça, paralelamente, os fundamentos dos discursos que dialogam e a relação entre eles. Com o texto literário não é diferente. Sua constituição está repleta de pontos de interseção com outros discursos, oriundos de outros campos do saber, por exemplo, o jornalismo. Em muitos casos, o processo inverso também ocorre, quando marcas literárias são enxertadas em textos jornalísticos.

Esse contato termina por dotar o material linguístico literário de características polifônicas e convergentes. Sem uma temática específica, a literatura está sempre convocando outros textos, num cruzamento dialógico textual. “Um texto sempre pode camuflar um outro, mas nunca consegue dissimulá-lo completamente” (GENETTE, 1982, p.12).

Nesse sentido, Genette (1982) utiliza-se da semiótica literária para elaborar uma proposta capaz de compreender como se originam os mecanismos de composição de um

texto e como as múltiplas e variáveis relações que se estabelecem entre eles se manifestam. Como resultado dessa busca, ele encontra a transtextualidade ou transcendência textual, definida como tudo aquilo que coloca um texto em relação manifesta ou secreta com outros. Daí entende-se a afirmativa do autor de que somente através das interpretações é que os textos podem dialogar entre si (GENETTE, 1982).

O texto jornalístico-literário – como a própria formação do nome denuncia – surge como uma fusão de traços textuais e linguísticos pertencentes ao espaço do jornalismo e da literatura, que se relacionam dentro de um único espaço textual, fazendo surgir um produto híbrido. O bom entendimento da gênese e do desenvolvimento das relações amistosas e de conflitos entre esses dois campos passa pelo conhecimento do significado de cada um deles, assim como das mutações teórico-conceituais que cada um sofreu no decorrer dos séculos.

Narrativas em transição

Numa contaminação incessante, jornalismo e literatura se confluem e divergem ao longo da história. O contato entre ambos ocorre em maior ou menor grau à medida que um deles passa a ser ameaçado pela crise de criatividade, ou quando suas funções e representatividades numa determinada sociedade mutável são questionadas. Com suas especificidades bem demarcadas, a natureza da convergência entre os dois gêneros se destaca no campo discursivo.

Literatura e jornalismo são dois territórios diferentes, mas não territórios separados por barreiras intransponíveis que impeçam as apropriações, os entrelaçamentos. Ao contrário, são tênues os limites entre eles, por vezes quase imperceptíveis. Não que a literatura ou o jornalismo possam se transfigurar um no outro. Mas que, com características bem marcadas e elementos distintos, em algumas manifestações têm a ousadia de usar os pontos de intersecção para construir uma narrativa quase híbrida.

Se no passado esses domínios foram claramente demarcados, hoje se confundem, apesar da resistência dos mais conservadores que não admitem a possibilidade de que uma narrativa se avizinha de outra. Elas parecem caminhar paralelas, apesar de na mesma direção (VICCHIATTI, 2005, p. 84-85).

Historicamente, a prática jornalística carrega consigo a marca de ser uma ferramenta linguística capaz de traduzir os acontecimentos que norteiam a vida cotidiana. O texto jornalístico seria aquele que deve transmitir ao leitor a verdade dos fatos e que tem nela (verdade) sua primeira obrigação. Na pretensão ambiciosa de ter acesso aos contornos exatos do real efêmero da vida e transmiti-los com autenticidade, ou mesmo de captar o real fugidio do cotidiano, preservando-o de modo inequívoco, o jornalismo atrai contra si acusações e desconfianças que colocam à prova o papel do jornalista enquanto transmissor legítimo da verdade dos acontecimentos.

No início do século XX essa desconfiança cresceu à medida que o real passou a ser visto como matéria submetida a uma variedade de versões, parciais e provisórias, passível de inúmeras e contraditórias interpretações. Bulhões (2007) considera que, ligada diretamente a relações sociais e econômicas, a realidade factual nunca está dissociada de uma construção da linguagem.

[...] o real nunca é algo intacto ou puro, mas se dá a conhecer sempre como linguagem, na constituição dos discursos. Assim, aquilo a que chamamos realidade factual nunca estaria a salvo de uma construção da linguagem, a qual, por sua vez, é moldada no palco das relações sociais e econômicas. Desse modo, os discursos seriam sempre representações inapelavelmente acopladas a condições materiais e interesses de classes e grupos sociais (BULHÕES, 2007, p. 22).

Nessa relação com o factual reside, talvez, uma das principais questões de embate entre as naturezas do jornalismo e da literatura, assim como da discussão sobre as similaridades e distinções mantidas entre ambos. Os dois são práticas representativas do real, mas cada um com seu olhar diferenciado. Enquanto o jornalismo busca uma interpretação fiel do mundo, a literatura usa da ficcionalidade para criar um mundo independente, com seres, figuras e objetos retirados de uma (ou várias) visão da realidade, mas sem compromisso com o mundo factual ou empírico.

Existe a verdade dos factos, a verdade nos específicos pormenores de tempo e lugar – a verdade da história em sentido restrito. Temos, depois, a verdade filosófica: conceptual, propositiva, geral. Encarada destes pontos de vista (da história, assim entendida, e da filosofia), a literatura de imaginação é uma ficção, uma mentira. A palavra ficção conserva ainda este velho traço platónico de acusação à literatura, ao que Philip Sidney e o Dr. Johnson replicam que a literatura nunca pretendeu ser verdadeira nesse sentido; e, mantendo ainda este resquício da velha acusação de produzir um engano, é ainda susceptível de irritar o romancista sério, que bem sabe como a ficção é menos estranha e mais representativa do que a verdade (WELLEK; WARREN, 1965, p. 264).

No jornalismo, a linguagem é o meio por onde as informações serão transmitidas. Na literatura ela é finalidade, é o ponto alto da questão, o objetivo final do processo de criação literária.

A obra literária é um evento linguístico que projeta um mundo ficcional que inclui falante, atores, acontecimentos e um público implícito [...]. As obras literárias se referem a indivíduos imaginários e não históricos. [...] O discurso não-ficcional geralmente está inserido num contexto que diz a você como considerá-lo: um manual de instrução, uma notícia de jornal, uma carta de uma instituição de caridade. O contexto da ficção, entretanto, explicitamente deixa aberta a questão do que trata realmente a ficção. A referência ao mundo não é tanto uma propriedade das obras literárias quanto uma função que lhes é conferida pela interpretação. (CULLER, 1999, p. 37-38).

O pluralismo rodriguiano

Pernambucano de nascimento e carioca de coração, Nelson Rodrigues revolucionou o teatro brasileiro e consagrou seu nome em todo o mundo como dramaturgo. Mas o início de todo esse percurso se deu nas redações dos jornais, cobrindo fatos policiais e absorvendo, todos os dias, um pouco da desgraça humana, tão bem representada no conjunto da sua obra.

Paralelamente à obra teatral (17 peças ao todo), Nelson Rodrigues produz ainda um número significativo de crônicas, contos, romances e folhetins. Os folhetins foram em número de oito, sendo o último de dois volumes: *Asfalto Selvagem I - Engraçadinha*

dos 12 aos 18; e *Asfalto Selvagem II - Engraçadinha depois dos 30*. No mesmo ano em que sua peça de maior repercussão (*Vestido de Noiva*) estoura como sucesso de público e de crítica, Nelson Rodrigues inicia, em *O Jornal*, seu primeiro folhetim (*Meu Destino é Pecar*), sob o pseudônimo de Suzana Flag. O sucesso é tanto que provoca o aumento da vendagem do periódico de 6 mil para 30 mil exemplares.

Na década de 30 existe uma grande dificuldade para formar um público leitor, pois a circulação de livros é precária e, além disso, no Brasil o grau de analfabetismo é alto. Nesta época, o jornal - órgão voltado para a produção de massa - se transforma em um espaço consagrado de legitimação para a literatura. Neste contexto, Nelson Rodrigues inicia a elaboração de seus folhetins. Depois de *Meu Destino é Pecar* (1944/1945), Nelson Rodrigues escreve mais sete. Após a peça *Valsa Número 6* (1950), Nelson é convidado a escrever uma coluna diária no jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer, onde falaria de casos factuais ocorridos durante o dia. Mas em pouco tempo Nelson abandona o compromisso com o factual e abre espaço para a ficção, iniciando um sucesso de mais de dez anos chamado “*A Vida Como Ela É...*”. Como nos folhetins, realidade e ficção se misturavam para atender ao público leitor, como aponta Lage (2001, p.15): “A realidade deveria ser tão fascinante quanto a ficção e, se não fosse, era preciso fazê-la ser.”

Na coluna “*A Vida Como Ela É...*” Nelson Rodrigues uniu a experiência adquirida no mundo da reportagem policial, com o seu talento literário, para ficcionalizar a realidade. O cotidiano veloz da redação policial o contagia. Todos os dias, repórter e fotógrafo saem em busca de algum crime: assassinatos por ciúmes, homicídios, suicídios, adultérios, atropelamentos. Mediante um verdadeiro interrogatório sobre os fatos com as famílias e vizinhos, a reportagem policial é elaborada.

A linguagem e os temas como amor, adultério e morte, veiculados pelas reportagens policiais, são também elementos que contribuem para atenuar as fronteiras entre os diferentes componentes da produção rodriguiana – crônica, folhetim e teatro.

Percebemos que o jornalismo feito por Nelson Rodrigues é totalmente oposto ao que hoje chamamos de jornalismo convencional. Longe da objetividade e do texto mecânico e engessado, o texto rodriguiano é despojado e subjetivo. A experiência como repórter policial e a elaboração de matérias designadas à seção de polícia, todos influenciaram as formas literárias do autor. Os mesmos temas – amor, adultério e morte – são acrescidos de elementos originários desta experiência de jornalista e, articulados, constituem partes fundamentais do universo rodriguiano.

A partir da análise da relação entre a prática de repórter policial, como trajetória de vida de Nelson Rodrigues, e sua produção, e tendo como o objetivo mostrar as articulações, pelas temáticas, dos folhetins com os demais textos, podemos constatar dois pontos importantes: por um lado, a trajetória de sua vida faz com que o autor, a partir dela, componha sua obra; por outro, encontra-se em sua criação literária uma permanente revelação autobiográfica.

Apesar do sucesso alcançado na dramaturgia, Nelson Rodrigues sempre fez questão de esclarecer que era, acima de qualquer coisa, um homem de jornal. A afirmação se explica no fato de que grande parte de sua vida se passou em redações de jornais cariocas, dois deles (*A Manhã* e *Crítica*) pertencentes ao próprio pai, Mário Rodrigues.

Seu início na imprensa, ainda adolescente com 13 anos de idade, se deu na reportagem policial, o grande filão, na década de 20, para a venda de jornais e motivo de disputa entre os repórteres. Da experiência nesse tipo de jornalismo, Nelson Rodrigues absorveu sua visão de mundo e a base de sua produção literária e dramática: “A reportagem policial vai transformar-se para sempre num dos elementos básicos da minha visão de vida. Através dela tive intimidade com a morte” (RODRIGUES, 1993, p.18).

As reportagens policiais são a primeira possibilidade de extravasar sua subjetividade e habilidade para o ficcional, dando um contorno especial às suas reportagens, como veremos a seguir através da abertura da reportagem *Um açougueiro sentimental*, publicada no dia 1º de maio de 1928 no jornal *A Manhã*, que trata de uma

tentativa de homicídio contra o açougueiro Manoel Ferreira da Silva, no dia 31 de abril de 1928:

O Manoel estava, ontem, sacudido de exaltações frenéticas. Desde que se erguera da cama, uma ânsia, uma vontade de qualquer coisa, imprecisa e vaga, dominava-o, tornava-o febril e arquejante. Embora fosse açougueiro, isso não o impedia de ser um sentimental, um romântico, um artista. Sua sensibilidade, finíssima, era um ninho de maviosas e cristalinas emoções estéticas (RODRIGUES, 2004, p. 169-171).

O texto da reportagem é claro ao apresentar o estilo híbrido de Nelson Rodrigues, onde a narrativa absorve elementos jornalísticos e literários ao mesmo tempo. Percebe-se que o jornalismo rodriguiano não é objetivo. Pelo contrário. É na subjetividade que Nelson encontra a base para desenrolar suas histórias. Interessam primeiro a ele os bastidores do acontecimento, do que suas consequências diretas. O vocabulário é bem determinado, demonstrando um cuidado estético com o texto.

Ao mesmo tempo em que não se prende ao factual, Nelson Rodrigues abre espaço para conjecturas e criações de possibilidades ficcionais para o acontecimento. Bulhões (2007) explica claramente esse momento da literatura:

A obra de arte literária recria a realidade, manifesta uma supra-realidade, ou seja, parte do mundo conhecido e visível para realizar uma permissiva transfiguração. Ela se lança, pois, à fabulação, ou seja, à criação de situações ou universo que não possuem compromisso com a realidade racional do mundo empírico, podendo desafiar ou até transgredir a concretude da existência dos seres e dos fenômenos (BULHÕES, 2007, p.18).

Muito disso se deve ao diálogo entre repórter e público. Ouvindo histórias e casos a respeito do acontecimento, e principalmente de seus personagens, o repórter absorvia uma gama de informações que lhe possibilitava recriar uma situação, aproximando seu texto de uma característica importante da literatura:

[...], a literatura saciou, de forma hegemônica, necessidades de fantasias dos seres humanos. Nesse sentido, ela participa de uma das atividades mais poderosas e antigas de manifestação da própria civilização humana, a de contar e transmitir histórias. “Operando como “a vida que poderia ter sido e não foi”, não interessaria à literatura extrair uma verdade factual, mas uma verdade simbólica, ou alegórica” (BULHÕES, 2007, p.16).

Por muito tempo a obra jornalística rodriguiana ficou relegada ao esquecimento, haja vista a maioria dos críticos e teóricos acadêmicos darem mais atenção à sua obra dramaturgica. Mas a partir do início da década de 90, Ruy Castro e Caco Coelho iniciam um trabalho – cada um da sua forma – de resgatar os textos de jornal de Nelson Rodrigues e organizá-los em livros.

Depois que Castro trabalhou a reedição de parte da obra do cronista, folhetinista e contista, bem como o romance *O casamento*, foi a vez de Caco Coelho apresentar a grande novidade nas pesquisas recentes sobre Nelson Rodrigues: o resgate de reportagens, críticas, crônicas e contos. São textos assinados pelo próprio autor, outros sob pseudônimo e ainda textos apócrifos, mas que, muito pertinentemente, o pesquisador oferece para que se julgue se saíram da pena do escritor. Trata-se de escritos de Nelson Rodrigues cujo alcance de fruição se havia restringido aos leitores que os leram à época de suas publicações em periódicos que circularam nas bancas de jornal durante a segunda metade da década de 1920 e a primeira metade dos anos de 1930. O que veio a público com o livro *O baú de Nelson Rodrigues – os primeiros anos de crítica e reportagem (1928-35)* (2004) é apenas parte do trabalho de Coelho.

Conto e reportagem

Qualquer estudo sobre a rede de relações mantidas entre os textos literários e jornalísticos vai passar, impreterivelmente, por uma discussão que há muito se configura como polêmica e desafiadora: a dos gêneros literários. Delimitados por esquemas metodológicos que mantêm seu rigor no intuito de classificar e conceituar as formas de expressão na literatura, os gêneros determinam sua classificação pelo poder de persuadir através de seu formato textual, desenvolvendo características próprias para sua distinção

nos diversos meios da sociedade, desde o popular até o acadêmico. Na prosa jornalístico-literária de Nelson Rodrigues, que serve de base para este artigo, enxergamos uma proximidade entre dois tipos de gêneros: o conto e a reportagem. No texto rodriguiano, os elementos jornalístico-literários terminam por provocar um processo de fusão textual, dotando a reportagem de um potencial literário característico dos contos, assim como os contos de “*A vida como ela é...*” abrigam em seu interior técnicas e elementos intrínsecos da reportagem jornalística.

Somente através da teoria moderna dos gêneros é que se torna concebível a existência de gêneros híbridos, assim como do processo de miscigenação e simbiose entre dois textos de campos distintos da esfera humana. Wellek & Warren (1965) afirmam que os gêneros não têm como manter-se fixos, haja vista a adição de novas obras e o conseqüente deslocamento das categorias. Para eles a teoria dos gêneros se configura como um princípio ordenador, que “classifica a literatura e a história literária não em função da época ou do lugar (por épocas ou línguas nacionais), mas sim de tipos especificamente literários de organização e estrutura” (WELLEK; WARREN, 1965, p. 282).

Normativa e prescritiva, a teoria clássica dos gêneros vai de encontro a qualquer possibilidade de relacionamento entre gêneros distintos, defendendo o papel da pureza estética dos gêneros. A teoria clássica acredita que cada gênero difere dos outros quanto à natureza e ao prestígio, sendo necessário, portanto, o afastamento entre eles. Já a teoria moderna é mais ampla e plural, divergindo da teoria clássica e seus principais pontos. Ela torna possível o processo de miscigenação entre os gêneros para o surgimento de uma nova espécie.

Reconhece que os gêneros podem ser construídos tanto numa base de englobamento ou “enriquecimento” como de “pureza” (isto é, gênero tanto por acréscimo como por redução). Em lugar de sublinhar a distinção entre as várias espécies, interessa-se – à maneira da preocupação romântica pelo carácter (sic) único de cada “gênio original” e de cada obra de arte – em descobrir o denominador comum de uma espécie, os seus processos e objectivos literários (WELLEK; WARREN, 1965, p. 293).

Como vimos anteriormente, a reportagem policial foi o espaço onde o jornalista, escritor e dramaturgo, Nelson Rodrigues, deu início ao seu processo de escrita. Essa narrativa do gênero jornalístico é uma das que mais explora interfaces e conexões com as narrativas literárias. Definida, em linhas gerais, como a forma desenvolvida da notícia, a reportagem dedica-se a detalhar os fatos, situando-os no entorno de suas motivações e implicações. Possui variantes de formato, ora mais descritivos, narrativos, expositivos, dissertativos; e constrói-se com a apuração laboriosa das informações, por meio de entrevistas e da consulta a diferentes versões. A reportagem surge aliada à necessidade do jornalista (repórter) estar no palco dos acontecimentos para reportar aos leitores uma interpretação dos fatos. O atributo essencial de ser testemunha ocular dos fatos possibilita um desempenho mais individualizado do repórter, centrado na figura do *eu* que reporta, insinuando a presença de marcas de personalidade na forma expressiva.

É o que permite circunscrever a reportagem na viabilidade da realização de um estilo, ou seja, de uma forma verbal que comporta a marca da individualidade. Daí dizer-se que a reportagem é o ambiente mais inventivo da textualidade informativa. Na dilatação do evento noticioso, a reportagem pode estender-se como uma realização descritiva, na composição astuciosa de um personagem ou na coloração de um cenário. Ou desdobrar-se plenamente na narratividade, em que estão implicados personagens em processo de mudança de estado. É desse modo que ela ensaia alguma proximidade com realizações da prosa de ficção ou transporta marcas da própria literariedade (BULHÕES, 2007, p. 44-45).

No conto, sua concisão e brevidade apontam logo para uma aproximação com os gêneros jornalísticos, notícia e reportagem. Assim como no jornalismo, o espaço do contista é pequeno, o que força no escritor a lidar com as marcas incisivas da condensação narrativa e da densidade dramática. Mesmo com a similaridade na brevidade narrativa entre o conto e a notícia jornalística (forma máxima da condensação jornalística), é na reportagem que, segundo Bulhões (2007) “os frutos do cruzamento com o conto podem render mais”.

Esse diálogo de gêneros é claramente percebido na prosa rodriguiana, principalmente quando nos debruçamos sobre os contos literários de *A vida como ela*

é... e sobre as reportagens policiais escritas por Nelson Rodrigues, antes mesmo do surgimento de sua produção ‘canonicamente’ literária.

Em *Filha desnaturada* (RODRIGUES, 2004, p. 172-175), reportagem policial escrita por Nelson Rodrigues e publicada na edição de 5 de maio de 1928, a abertura do texto jornalístico parece anteceder a introdução dos contos de *A vida como ela é...*, que viria a surgir somente em 1951.

Logo que teve notícias das façanhas da filha, chamou-a e fez-lhe severas observações. A pequena, que era audaciosa e irreverente, ao ouvir o pai, apumou-se e mandou-o se meter com sua vida. O pobre velho, aturdido, espantado com o atrevimento da garota, esbugalhou os olhos, escancarou a boca. Em seguida, fez uma cara apoplética e gritou com fúria. Vão pensar que a filha se intimidou ou se arrependeu ante às cóleras do pai. Puro engano. Ao ouvir os gritos, ficou terrivelmente revoltada. E, então, rugiu ameaças tremendas. Metesse o desgraçado com sua vida, que ela mostraria o alcance de seus braços, de seus murros e, sobretudo, dum sofrível cabo de vassouras que tinha na cozinha (RODRIGUES, 2004, p. 172).

Percebe-se no exemplo que desde cedo Nelson Rodrigues começa a experimentar sua verve literária, utilizando-se do espaço do jornal para tal finalidade. Uma análise mais aprofundada denuncia que a forma de construção do texto é idêntica a que ele passaria a usar, a partir de 1951, em *A vida como ela é...*. Vejamos a seguir, um trecho do conto *A missa de sangue* (RODRIGUES, 2006, p. 59-63):

Em vida de sua primeira mulher foi a pérola dos maridos e, sobretudo, um monstro de fidelidade. Saía do trabalho, digamos, às seis horas. Às vezes, parava um segundo, tomava um cafezinho em pé e era só. Pendurava-se no primeiro bonde, com a idéia fixa de chegar em casa. Estavam casados há seis anos. Pois se gostavam como na lua-de-mel; viviam num agarramento de meter inveja nos casais infelizes. O comentário geral era o seguinte:
- Parecem dois namorados!
De fato, pareciam. Namorados, noivos ou casadinhos de fresco. Ainda por cima, ciumentíssimos um do outro. Qualquer coisinha, Penteados rosnava:
- Modos! (RODRIGUES, 2006, p. 59).

Uma análise dos dois textos mostra similaridades na construção de ambos, independente de um pertencer ao espaço jornalístico - da transmissão de informações sobre um acontecimento – e ao literário em que há a liberdade da ficção. É a confirmação de que, na prosa rodriguiana, jornalismo e literatura não se distanciam.

Coelho (2004) atesta que, de fato, Nelson Rodrigues não via “dessemelhança nenhuma entre literatura e jornalismo”. E ela, segundo o autor, não existia realmente naquela época, já que o jornalismo brasileiro de então era feito com uma linguagem refinada e livre, com a participação de diversos escritores da literatura nacional. “Essas matérias mostram os esboços de *“A vida como ela é...”* A mesma divisão narrativa, a abordagem da vida amorosa, do amor infinito, da beleza sem igual [...]” (COELHO, 2004, p. 23).

Isso referenda o reconhecimento de um espaço de experiências narrativas jornalístico-literárias, dotado de atributos disponíveis a possibilidades de justaposições e afinidades literário-jornalísticas. Se, num primeiro momento, foi a literatura a responsável por fornecer aspectos formais à narrativa jornalística, entendemos que o jornalismo também vem mantendo, no decorrer de sua história, uma tradição de textualidade que também se enxerta na produção literária. Bulhões (2007) conclui que, com essa incessante troca de aspectos, qualidades e características entre o factual e o ficcional, surge uma relação interdependente, e completa afirmando que o trânsito histórico do desenvolvimento de tais gêneros sugere certa disponibilidade para se deixar atingir pelas marcas de um gênero de procedência distinta, permitindo um contágio por algumas formas de expressão aparentemente deslocadas.

Para Coelho (2004), as reportagens rodriguianas mostram os esboços de *“A vida como ela é...”*, possuindo a mesma divisão narrativa, a abordagem da vida amorosa, do amor infinito e da beleza sem igual. Ele ressalta que na reportagem policial, Nelson Rodrigues encontrou o “devaneio que sempre lhe foi necessário”. “Hoje o repórter de polícia mente pouco, muito pouco”, sacramentou Nelson na maturidade. De maneira diversa, cada um dos três jornais em que ele trabalhou acolheu seus devaneios” (COELHO, 2004, p. 38).

As peculiaridades e as muitas possibilidades de interpretação da obra de Nelson Rodrigues já são elementos suficientes para chamar para si o interesse de pesquisadores e demais estudiosos da área da comunicação humana. Seja na área de estudos de gênero, no aprofundamento de questões ligadas à dramaturgia brasileira ou nos aspectos ligados à pesquisa sobre a linguagem, falar sobre Nelson Rodrigues sempre rende frutos. Nesse

arcabouço artístico e cultural que está depositada a obra rodriguiana, enxergamos a possibilidade de investigar o fenômeno da hibridização linguística e textual, tomando como objeto de pesquisa a produção jornalística e literária rodriguiana. Entendemos que nesses textos residem pontos de tensão e diálogo entre a linguagem literária e a jornalística, principalmente no tocante às reportagens policiais escritas por Nelson Rodrigues.

Deixada à margem das demais produções rodriguianas, a prosa jornalística tem importante função no desenvolvimento de toda a carreira de Nelson Rodrigues, seja como escritor, cronista ou dramaturgo. A reportagem policial é a gênese do processo de criação literária adotado por Nelson Rodrigues e serve, no decorrer de sua história, sempre como memória para o surgimento de obras, fossem elas literárias ou dramáticas. Impregnada de resquícios da experiência de leitura de Nelson Rodrigues, a reportagem jornalística ganha com ele aspectos de literatura, que a tornam um gênero híbrido, onde a distinção entre jornalismo e literatura é pouco evidenciada.

Os textos aqui apresentados reforçam a ideia de que jornalismo e literatura possuem suas especificidades, mas não estão privados de um processo de contaminação entre ambos. As finalidades continuam as mesmas, mas a forma como elas são adquiridas é que se distinguem das maneiras tradicionais com que cada um dos dois campos tem sido interpretado ao longo da história. Na transformação pela qual passou a literatura e a definição de um cânone literário, encontramos o momento onde textos considerados “não-literários” entram em fusão com a literatura e adquirem sua porção de literariedade, elemento definido pelos formalistas russos como uma das características da literatura.

É na reportagem policial rodriguiana que encontramos a literariedade descrita pelos formalistas russos, e essa fusão de aspectos literários e jornalísticos dentro de um único espaço textual abre caminhos para a relação entre a linguagem jornalística do autor e sua produção literária. Se no campo jornalístico identificamos a reportagem como espaço em que a convergência entre esses dois campos acontece, na literatura de Nelson Rodrigues enxergamos no conto a arena onde aspectos jornalísticos dialogam

com as marcas literárias. A prosa jornalística rodriguiana serve de base memorialista para o restante da produção cultural e artística do autor. Como texto inicial ela atua como referência na produção de suas peças teatrais, crônicas e romances. As marcas da realidade factual, tão presente no jornalismo, ecoam no restante da produção literária rodriguiana. Ela é responsável por dotar a obra literária do autor de aspectos da realidade factual.

Referências Bibliográficas

- BAHKKTIN, Mikhael. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.
- CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- COELHO, Caco. Introdução. In: RODRIGUES, Nelson. **O baú de Nelson Rodrigues: os primeiros anos de crítica e reportagem (1928-35)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CULLER, Jonathan. **Teoria literária**. Uma introdução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.
- GENETTE, Gérard. **Palimpsestes**. La littérature au second degré. Paris: Éditions Du Seuil, 1982.
- LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura**. Coimbra: Livraria Almedina, 1995.
- RODRIGUES, Nelson. **A menina sem estrela**. Ruy Castro (Org). São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- _____. **O reacionário: memórias e confissões**. Rio de Janeiro: Record, 1977.
- _____. **O baú de Nelson Rodrigues: os primeiros anos de crítica e reportagem (1928-35)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. **A vida como ela é...** Rio de Janeiro: Agir, 2006.
- VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social**. São Paulo: Paulus, 2005.
- WAINER, Samuel. **Minha razão de viver**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- WELLEK, René. WARREN, Austin. **Teoria da literatura**. Tradução de José Palla e Carmo. 4.ed. Nova York: Publicações Europa-América, 1965.

Este artigo e todo o conteúdo da **Estudos em Jornalismo e Mídia** estão disponíveis em
<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/index>

Estudos em Jornalismo e Mídia está sob a [Licença Creative Commons](#)